

A LONGA CARTA DE MARIAMA BÂ E A ESCRITA DE SI

MARIAMA BA'S LONG LETTER AND THE SELF-WRITING

Alexandra Almeida¹

Goiandira Ortiz de Camargo²

Philippe Humblé³

RESUMO: Este artigo visa a examinar a presença da “escrita de si” no romance *Une si longue lettre*, da escritora senegalesa Mariama Bâ. Na obra em tela, a protagonista Ramatoulaye se serve do expediente da “escrita de si” para reavaliar sua vida, suas decisões e reencontrar seu eixo. A redação da missiva a auxilia a se conhecer melhor e, por meio da reflexão, propiciada por sua reclusão vidual, se assenhora de si e toma consciência de si e do lugar ocupado pela mulher em sua sociedade. A escrita assiste à personagem no sentido de compreender seu mal e de várias congêneres. Dessa forma, ela possibilita sua reestruturação e seu fortalecimento para não desistir de ser uma mulher atuante e de procurar sua felicidade. Apoiamo-nos nas reflexões empreendidas por Foucault (1992), Klinger (2012), Dia (2003), Genette (2017), dentre outros para empreender esta análise.

PALAVRAS-CHAVE: escrita de si; *Une si longue lettre*; perlaboração.

ABSTRACT: This article aims to examine the presence of "self-writing" in the novel *Une si longue lettre*, by the Senegalese writer Mariama Bâ. In the novel, the protagonist Ramatoulaye uses the opportunity of "self-writing" to re-evaluate her life, her decisions and find her axis. The writing of the missive helps her to get to know herself better and, through the reflection provided by her seclusion, she takes hold of herself and becomes aware Not only of herself, but the place occupied by women in her society. Writing assists the character in understanding her

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – Brasil, com período cotutela em Vrije Universiteit Brussel – Bélgica. Doutora em Applied Linguistics: Translation Studies pela Vrije Universiteit Brussel – Bélgica. Professora Associada da Universidade Federal de Goiás – Brasil. ORCIDID: <https://orcid.org/0000-0002-9816-8383>. E-mail: alexandra@ufg.br

² Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade de Lisboa – Portugal. Professora Titular da Universidade Federal de Goiás – Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1625-1715>. E-mail: goiandira.lettras@gmail.com

³ Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil, com período sanduíche em University of Birmingham – Reino Unido. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Katholieke Universiteit Leuven – Bélgica. Professor da Vrije Universiteit Brussel – Bélgica. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3426-3218>. E-mail: philippe.humble@vub.be

evil and that of several of her congeners. In this way, it enables her to restructure and strengthen herself so that she does not give up on being an active woman and seeking her happiness. We rely on the reflections undertaken by Foucault (1992), Klinger (2012), Dia (2003), Genette (2017), among others to undertake this analysis.

KEYWORDS: Self-writing; *Une si longue lettre*; perlaboration.

1 Introdução

Mariama Bâ (1929-1981) publicou seu primeiro romance em 1979. Trata-se da narrativa: *Une si longue lettre* (Uma tão longa carta). Esse texto se constitui de uma única missiva, redigida por Ramatoulaye, a protagonista, durante seu período de reclusão vidual exigido pelas leis maometanas. Nessa carta, a senhora Fall faz uma retrospectiva de sua vida e de sua melhor amiga, Aïssatou, após o falecimento de seu cônjuge Modou Fall. Em seu escrito, pleno de lirismo, ela tenta colocar ordem em seu caos interior com vistas a se recompor e a se abrir para uma nova possibilidade de amor e de felicidade. Neste artigo, traçamos como principal objetivo tecer relações entre o romance de Bâ e a escrita de si.

Associa-se amiúde a literatura epistolar, assim como a de diários, a uma literatura feminina (GIGUÈRE, 2003; SOUSA, 2012). Sousa (2012), dentre outros, acredita haver uma correlação desse aspecto com a pouca importância que, outrora, era concedida a esse gênero. Fato é que esse espaço é o da subjetividade, da intimidade, da confissão, da abertura ao outro e a si mesmo. Muitos críticos correlacionam a carta e o diário à escrita de si, dentre eles Michel Foucault (1992). Ao dissertar acerca desse tema, o filósofo francês elege dois instrumentos que favorecem essa prática, a saber: os hypomnemata e as correspondências. Estas consistem nos intercâmbios epistolares entre dois indivíduos; a carta é o texto destinado a outrem, que, todavia, serve como um exercício pessoal. A missiva cumpre o papel de ir em auxílio a um amigo querido, aconselhando-o, exortando-o, admoestando-o ou consolando-o. Mas, ao mesmo, funciona para o emissor como uma forma de preparar-se ao

aconselhar o outro a vivenciar tal experiência mais serenamente. Nas palavras de Foucault (1992, p. 148): “a escrita que ajuda o destinatário, arma o escritor – e eventualmente os terceiros que a leiam”. Ao passo que aqueles, os hypomnemata, são entendidos como uma espécie de caderneta na qual o indivíduo faz anotações, constitui-se uma “memória material das coisas lidas” (FOUCAULT, 1992, p. 135) tais que: transcrições de citações colhidas durante uma leitura ou escuta, debates ou reflexões de outrem que escutou, reflexões próprias desenvolvidas a respeito de um assunto. Segundo ele, esse “livro de vida” ou “guia de conduta” serve de base tanto para a meditação, para a redação de tratados mais sistemáticos, para uma conversa consigo mesmo quanto para a redação das missivas. Foucault sublinha a importância dos hypomnematas na base de construções textuais posteriores. Esses dois movimentos, hypomnematas e correspondências, são complementares. Ambos os expedientes convergem para a subjetivação discursiva, por conseguinte para a constituição do eu, porquanto, como esclarece o intelectual francês, apoiando-se em Sêneca: “a prática de si implica a leitura, pois não é possível tudo tirar do fundo de si próprio [...], o auxílio dos outros é necessário” (FOUCAULT, 1992, p. 138). Passemos ao exame da narrativa em tela e a escrita de si, empreendida por Ramatoulaye.

2 *Une si longue lettre e a escrita de si*

No romance *Une si longue lettre*, a carta desempenha o importante papel de subtrair a protagonista Ramatoulaye de sua solidão e afora isso revela-se um poderoso instrumento para o repasse de sua vida e de perlaboração do vivido. Para Isabel Silva e Vilani de Pádua (2019, p. 289), em muitas situações, a escrita de si “[...] é a única companhia de um eu solitário, [...] também está presente quando se deseja exteriorizar algo que não é possível resolver interiormente”. Com efeito, a reclusão auxilia Ramatoulaye nesse processo, “[...] la solitude qui

porte conseil me permit de bien cerner le problème” (BÂ, 1979, p. 60)⁴⁵. Nessa linha, narrar-se consiste em uma das estratégias mais efetivas de se manipular o obscuro com vistas a ressignificá-lo por meio da linguagem, dado que externamos aquilo que nos atormenta. Narrar, nesse caso, é uma tentativa de entender sua história com o intuito de compreendê-la e de superar seus traumas (VIEIRA; OLIVEIRA, 2017). Afinal, refletir sobre algo possibilita a assimilação e a ressignificação do vivido. Ramatoulaye carece de pôr ordem ao caos que angustia seu ser e de restabelecer seu equilíbrio emocional a fim de poder receber a amiga cuja chegada é anunciada no desfecho da epístola e a fim de estar pronta para desnudar sua alma diante dela. Acreditamos que essa plenitude suceda, no décimo oitavo capítulo, ao perdoar Modou. Isso porque, como asseguram Roberto Bastos (2017) e Diana Klinger (2012), a escrita possui a capacidade de transformação interior dos indivíduos, já que, concomitantemente à construção textual, constitui-se a própria identidade e a alma naquilo que se escreve (FOUCAULT, 1992).

Esse perdão permite-lhe, igualmente, continuar sua jornada e ir em busca de sua felicidade. Ela dispõe agora de maturidade para não renunciar à vida. Ela conclui:

Malgré tout — déceptions et humiliations — l'espérance m'habite. C'est de l'humus sale et nauséabond que jaillit la plante verte et je sens pointer en moi, des bourgeons neufs. Le mot bonheur recouvre bien quelque chose, n'est-ce pas ? J'irai à sa recherche. Tant pis pour moi, si j'ai encore à t'écrire une si longue lettre... (BÂ, 1979, p. 131)⁶.

⁴ A solidão que traz conselho me permite delimitar bem o problema.

⁵ Todas as traduções, salvo indicação contrária, são de nossa autoria. No corpo do trabalho, colocaremos as traduções para a língua portuguesa e em notas de rodapé o original a fim de não atrapalhar a fluência da leitura, exceto os fragmentos de *Une si longue lettre* por ele se constituir nosso objeto de pesquisa

⁶ Apesar de tudo – decepções e humilhações –, a esperança me habita. É do húmus sujo e fedorento que brota a planta verde e sinto despontar em mim rebentos novos. A palavra felicidade recobre bem alguma coisa, não é? Irei a sua procura. Pior para mim se tenho de te escrever novamente uma carta tão longa...

Ela finaliza a escrita da carta mais forte, mais resiliente, porque sabe que escrita consiste em um abrigo para suas decepções (OLIVEIRA; CAMARGO, 2020) e que a amiga estará sempre a seu lado para assisti-la na busca de uma nova via (BÂ, 1979).

As linhas tecidas afiguram-se como uma preparação de Ramatoulaye para se abrir com Aïssatou, sua amiga confiante, como ela diz que fará: “Je ne pourrai m'empêcher de me livrer à toi”⁷ (BÂ, 1979, p. 129). Note-se que o tempo verbal está no futuro do presente, indicando que a ação ainda não fora efetuada. Outrossim, Dia (2003) observa que à medida que Ramatoulaye se afasta da narração descritiva e passa a ser mais introspectiva, há um evidente apagamento da narratária, Aïssatou.

A linguagem que constitui sua longa carta varia de acordo com as modulações desejadas pela narradora. Em certos momentos, ela apresenta-se mais descritiva, em outros mais ensaística. A razão para tal variação reside no fato de a missivista alterar o tom de sua prosa. Por vezes, ela adota de preferência um tom reflexivo, já que a carta se associa à reflexão (FOUCAULT, 1992); em outras imprime um tom mais grave.

De acordo com Mikhail Bakhtin (1993), o romance é um gênero inacabado, portanto aceita as inúmeras estratégias empregadas e inovações feitas pelos escritores. A epístola de Bâ é um exemplo disso. Conforme apontamentos de Giguère (2003) e Gacoin-Marks (2009), aproxima-se, igualmente, de um diário, já que a narradora tece considerações sobre sua própria vida. Em outros momentos, a correspondência se assemelha a um ensaio, pois há inúmeras reflexões de Ramatoulaye sobre a sociedade senegalesa.

⁷ Não poderei me impedir de me abrir com você.

Segundo Mikhail Bakhtin (1993), a carta é monofônica, no mundo factual, quando se trata de um mecanismo de comunicação. Ao se abrir às possibilidades criativas do jogo ficcional, sua modalização atende aos desígnios dos romancistas. No caso da obra em questão, acreditamos que Bâ tenha optado por esse gênero textual para que seu universo romanesco fosse organizado apenas da perspectiva da narradora. Pois, apesar de ceder a palavra a algumas pessoas, é ela quem a possui, que tem o poder, por meio desse instrumento, de conceder a palavra ou silenciar as demais personagens. Mesmo em se tratando, a princípio, de um texto monofônico, percebe-se uma polifonia oriunda da orquestração de vozes das demais personagens. Não raro há momentos dialógicos em sua correspondência. A polifonia já se apresenta na presença visceral da narratária, Aïssatou, bem como pelas próprias regras do jogo ficcional.

A princípio, podemos pensar que a escritura da carta se acerca da redação de um diário íntimo como estudiosos já citados avaliam. No entanto, alguns aspectos nos fazem refutar essa ideia. Dentre eles, o fato de a escrita de um diário se dar quase que cotidianamente, o que não acontece com a composição da missiva em análise. No capítulo dezessete, Ramatoulaye revela que contou a sua história e a da amiga “d’un trait”⁸ (BÂ, 1979, p. 81). A de Jacqueline também está incluída nesse lapso temporal. Ela começa o capítulo por um lacônico: “Je souffle”⁹ (BÂ, 1979, p. 81), que parece indicar que a urgência em reviver foi tão intensa que ela praticamente perdeu o fôlego ao contá-la e, após sua narração, ela se deu conta de que precisava respirar e se acalmar. A redação dessas histórias compreende do quinto ao décimo sétimo capítulo. A mesma coisa acontece com a confecção dos últimos cinco capítulos que foram redigidos no mesmo dia. Ramatoulaye passa um bom tempo de sua

⁸ De uma só vez.

⁹ Respiro fundo.

clausura sem escrever, talvez os percalços relatados por ela que envolvem seus filhos tenham consumido seu tempo e sua energia.

O *Mirasse*¹⁰, conforme sua indicação, se realizou no quarto dia. No dia seguinte, ou seja, no quinto após a morte de Modou, ela recorda-se de sua história, a de Aïssatou, a de Jacqueline, além das inúmeras reflexões e incursões empreendidas. No décimo oitavo capítulo, ela anuncia que havia celebrado na véspera o quadragésimo dia de falecimento do marido. Donde inferimos que ela ficou trinta e seis dias sem se confidenciar por escrito à amiga.

Na página inaugural da narrativa, no fragmento: “Aïssatou, J'ai reçu ton mot. En guise de réponse, j'ouvre ce cahier, point d'appui dans mon désarroi: notre longue pratique m'a enseigné que la confidence noie la douleur”¹¹ (BÂ, 1979, p. 10), a existência de uma destinatária, a indicação de que o texto consiste em uma resposta a ela e de que se trata de uma confidência apontam claramente para a função confidencial da missiva. Ademais, antes de comunicar o falecimento do esposo à amiga, há a evocação do antigo e inquebrantável laço de amizade que as une. Como nos lembra Philippe Lejeune (2014, 292), “por definição, a carta é compartilhada”.

Com efeito, a obra se enquadra naquilo que Foucault (1992) nomeia como a escrita de si. Já no primeiro capítulo, Ramatoulaye aponta para um

¹⁰ “O ‘*mirasse*’ é um princípio religioso e legal da fé islâmica, que define e estipula com precisão matemática o tipo de herança da família, seja ela monogâmica ou poligâmica. Segundo o Corão, o “*mirasse*” exige uma investigação analítica do falecido, que revelará seus segredos mais íntimos. O conceito de hereditariedade é explicado na Sura IV (As mulheres), na qual se estipula a revelação de todos os bens materiais do falecido, os quais devem ser divididos entre a família.” Lê-se no original : « Le « *mirasse* » est un principe religieux et juridique de la foi islamique, qui définit et stipule en toute précision mathématique l'espèce d'héritage de la famille, qu'elle soit monogame ou polygame. Selon Le Coran, le « *mirasse* » demande une enquête analytique sur le décède, ce qui révélera ses secrets les plus intimes. Le concept de l'hérédité est expliqué dans la Sourate IV (Les femmes), où est stipulée la révélation de tous les biens matériels du décédé, qui doivent être divisés parmi la famille » (Dogliotti, 2000, fl. 119).

¹¹ Aïssatou, recebi suas palavras. Como resposta, abro este caderno, ponto de apoio em meu desespero: nossa longa prática me ensinou que a confidência recolhe a dor.

balanço de vida ao invocar o sal da memória, isto é, suas reminiscências que trazem consigo sensações (calor, encantamento, sabores) e imagens, como a procissão de jovens que voltavam das fontes encharcadas de água. Mesmo com falhas e lacunas, de modo incompleto e difuso, ela rememora o passado num processo de reelaboração e as partes das quais não se recorda ou que não têm como saber por não ter estado presente, ela ficcionaliza dentro da ficção. Gabriel Garcia Márquez (2003, p. 05) abre sua autobiografia *Viver para contar* com a asserção: “a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”. Com essa afirmação, o escritor colombiano enfatiza o papel da subjetividade como constituidora dos processos mnésicos. *Une si longue lettre* configura-se como um relato atravessado por uma intensa carga memorial. Trata-se de um processo de rememoração ativo. Por mais que Ramatoulaye tente se recordar de tudo “fielmente”, sua memória é fragmentada, elegendo alguns elementos e os reordenando. Ademais, as recordações dos elementos ocorrem de maneira incompleta, donde vem o trabalho de ficcionalização de Ramatoulaye ao urdir suas reminiscências, como mostraremos adiante.

Vimos, anteriormente, que a missiva se endereça à Aïssatou. No entanto a carta não cumpre com sua função pragmática de informar sua confidente de seu recente estado de viuvez. Ramatoulaye invoca a amiga para se sentir reconfortada. Através dessa correspondência, ela presentifica a amiga, colocando-se em sua presença afetiva. Foucault (1992, p. 150) julga que “escrever é, pois, ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. Escrever-se é algo tão íntimo que enseja um encontro, ele acrescenta que “o traço de uma mão amiga, impressa nas páginas, proporciona o que há de mais doce na presença: reconhecer. [...] De certo modo, a carta proporciona um face-a-face” (FOUCAULT, 1992, p. 150).

Esse face-a-face viabilizado por meio da carta se dá na leitura desta pelo destinatário, o que não acontece no romance em análise. O filósofo francês

acredita, contudo, que a carta opera um encontro profundo de seu enunciador consigo mesmo. Na esteira de Foucault, Kingler (2012, p. 24) afirma que

Escrever é se “mostrar”, se expor. De maneira que a carta, que trabalha para a subjetivação do discurso, constitui ao mesmo tempo uma objetivação da alma. Ela é uma maneira de se oferecer ao olhar do outro: ao mesmo tempo opera uma introspecção e uma abertura ao outro sobre si mesmo.

Ramatoulaye, para desvelar sua alma, recolhe em si num movimento introspectivo e revela o que lhe está oculto. A escritora brasileira Clarice Lispector comunga dessa concepção. Em uma de suas crônicas, ela redige: “é na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas, das quais sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia” (LISPECTOR, 1999, p. 254). Percebemos que, para a romancista brasileira, o ato de escrever a auxilia a ter uma compreensão mais alargada do mundo e de si. De maneira similar, a escrita possibilita à professora senegalesa a discernir melhor seus sentimentos em relação ao finado esposo. Em sua epístola, ela desentranha “[...] do interior da alma os movimentos mais ocultos, de maneira a poder libertar-se deles” (FOUCAULT, 1992, p. 160).

Essa emergência dos movimentos ocultos afigura-se crucial para a narrativa em questão. Constatamos que esse narrar-se conflui para um ponto de inflexão na vida da viúva. Essa mudança de rumo ocorre no décimo oitavo capítulo, no qual se celebra o quadragésimo dia de falecimento de Modou. No que concerne à ação transformadora da escrita de si, Diana Kingler (2012, p. 23, grifo da autora) explana,

A escrita de si como exercício pessoal, associada ao exercício do pensamento sobre si mesma, constitui uma etapa essencial o processo para o qual tende toda a *askêsis*: a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação.

O contar-se proporciona-lhe um apaziguamento em sua vida pregressa, tornando-a apta a perdoar o marido falecido, como verificamos no trecho a seguir.

J'ai célébré hier, comme il se doit, le quarantième jour de la mort de Modou. Je lui ai pardonné. Que Dieu exauce les prières que je formule quotidiennement pour lui. J'ai célébré le quarantième jour dans le recueillement. Des initiés ont lu le Coran. Leurs voix ferventes sont montées vers le ciel. Il faut que Dieu t'accueille parmi ses élus, Modou Fall !¹² (BÂ, 1979, p. 84).

Esse perdão revelou-se libertador para a personagem central, haja vista que a partir desse capítulo a narrativa adquire uma nova perspectiva. Ela deixa de ter como referência um passado mais longínquo para se centrar na sua movimentada vida no período de luto. Essa agitação ocorre em decorrência dos problemas trazidos pelos filhos e das abundantes propostas de casamento que a viúva recusa. Se os primeiros dias de luto transcorreram na monotonia (BÂ, 1979), os últimos foram marcados pelas intempéries familiares. Embora estivesse resoluto a recomeçar sua vida, Ramatoulaye declinou o pedido de vários candidatos a sua mão, dentre eles o de Daouda Dieng. Suas negativas justificaram-se em virtude de nenhum dos pretendentes ter tocado seu coração, condição indispensável, para ela, no matrimônio, como vemos no excerto:

Je ne peux pas pavoiser. La fête préconisée ne me tente pas. Mon cœur n'aime pas Daouda Dieng. Ma raison apprécie l'homme. Mais le cœur et la raison sont souvent discordants. Comme j'aurais voulu être mobilisée pour cet homme et pouvoir dire oui ! Non que pèse en moi le souvenir du disparu. Les morts n'ont que le poids qu'on leur concède ou le poids des bienfaits qu'ils ont répandus. Non que me gêne l'existence de mes jeunes enfants ; il aurait pu jouer pour eux le rôle du père qui les avait abandonnés. Trente ans après, le même

¹² Celebrei ontem, como se deve, o quadragésimo dia da morte de Modou. Perdoei-lhe. Que Deus atenda as preces que eu faço cotidianamente para ele. Celebrei o quadragésimo dia de sua morte no recolhimento. Iniciados leram o Corão. Seus votos fervorosos subiram aos céus. Que Deus te acolha entre os eleitos, Modou Fall!

refus de mon être me conditionne seul. Je ne trouve pas de cause définissable. Nos fluides s'opposent¹³ (BÂ 1979, p. 97).

Além da motivação da rejeição a Daouda, encontramos nessa passagem outro elemento nuclear que nos motiva a acreditar que as reflexões postas no caderno a ajudaram a encontrar seu eixo: a viúva, agora, não designa mais seus filhos como um óbice a um novo enlace. Quando Ramatoulaye fora abandonada por Modou, uma das justificativas arroladas para não se separar e procurar um novo parceiro foi, justamente, a provável rejeição dos filhos a um “substituto” do pai. Vejamos: “Mes enfants accepteraient difficilement une autre présence masculine. Leur père condamné, pourraient-ils être tolérants pour un autre ? Quel homme d'ailleurs aurait le courage d'affronter douze paires d'yeux hostiles qui vous décortiquent sans ménagement ?”¹⁴ (BÂ, 1979, p. 78-79).

Não obstante, seus filhos manifestaram-se favoráveis a seu divórcio, como constatamos no fragmento seguinte: “Et, au grand étonnement de ma famille, désapprouvée unanimement par mes enfants influencés par Daba, je choisis de rester [...] Mes enfants qui contestaient mon option me boudaient. Face à moi, ils représentaient une majorité que je devais respecter”¹⁵ (BÂ, 1979, p. 69). Não há, na narrativa, nenhum indício de que seus descendentes se oporiam a um novo casamento. Ramatoulaye, porém, tendo como única justificativa seu amor por Modou para não romper com o relacionamento,

¹³ Não posso me orgulhar. A festa preconizada não me tenta. Meu coração não ama Daouda Dieng. Minha razão aprecia o homem. Mas o coração e a razão são amiúde discordantes. Como eu queria ser mobilizada por esse homem e poder dizer sim! Não que pese em mim a lembrança do desaparecido. Os mortos têm somente o peso que nós lhe concedemos ou o peso das coisas boas que fizeram. Não que me constanja a existência de meus jovens filhos; ele poderia exercer, para eles, o papel do pai que os abandonara. Trinta anos depois, apenas a mesma recusa de meu ser me condiciona. Não encontro uma causa definidora. Nossos fluidos se opõem.

¹⁴ Meus filhos dificilmente aceitariam outra presença masculina. O pai condenado, poderiam ser tolerantes com um outro? Qual homem aliás teria a coragem de afrontar doze pares de olhos hostis que o analisariam sem cerimônia?

¹⁵ E, para grande espanto de minha família, desaprovada unanimemente por meus filhos influenciados por Daba, escolhi ficar. [...] Meus filhos que contestavam minha opção me recriminavam. Face a mim, eles representavam uma maioria que eu devia respeitar.

precisa encontrar outros argumentos mais racionais para se fundamentar perante os seus. Afinal, todos acreditavam que ela tomaria atitude semelhante à de sua confidente, ou seja, a ruptura.

Retornando à presença afetiva de Aïssatou, Ramatoulaye carece dela para dissipar, por alguns instantes, a monotonia na qual decorrem seus dias. Ela enuncia: “ Je vis seule dans une monotonie que ne coupent que les bains purificateurs et les changements de vêtements de deuil, tous les lundis et vendredis”¹⁶ (BÂ, 1979, p. 18). Abrir-se com sua confidente constitui outra ação pela qual ela encontra alívio para sua solidão e fastio.

O *Mirasse* revela-se um dos episódios mais dolorosos para a enunciativa, pois é nessa ocasião de “dépouillement d’un individu mort de ses secrets les plus intime”¹⁷ (BÂ, 1979, p. 19) que ela consegue mensurar “l’ampleur de la trahison de Modou”¹⁸ (BÂ, 1979, p. 19). Portanto, é justamente nesse momento que ela precisa da presença acalentadora da companheira. No sexto parágrafo, ela dirige-se à amiga como se estivesse em sua frente: “Adosse-toi”¹⁹ (BÂ, 1979, p. 20).

No capítulo subsequente, ela começa: “Je t’ai quittée hier en te laissant stupéfaite sans doute par mes révélations”²⁰ (BÂ, 1979, p. 22), como se o tempo da leitura fosse o mesmo da escrita. Esse argumento reforça a ideia de que houve uma presentificação da amiga durante a tessitura da carta. Sobre esse face a face, Foucault (1992, p. 149-150) aclara que: “a correspondência ‘é algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita [...]. A carta faz o escritor ‘presente’ àquele a quem dirige [...] uma espécie de presença imediata

¹⁶ Vivo sozinha na monotonia que é quebrada apenas pelos banhos purificadores e pelas trocas de roupas de luto, às segundas e às sextas.

¹⁷ [...] da revelação dos segredos mais íntimos de um indivíduo morto

¹⁸ [...] o tamanho da traição de Modou.

¹⁹ Sente-se.

²⁰ Retirei-me ontem, deixando-te estupefata seguramente com minhas revelações.

e quase física”. De acordo com Roberto Bastos (2017, p. 160): “[...] escreve-se, pois, para não estar só, para não deixar só”.

Essa abertura do quinto capítulo é inclusive o único momento nessa seção que a protagonista se endereça a sua destinatária. Na continuação do capítulo, ela direciona sua fala às vítimas de um triste fado e suplica à saúde que habite seu ser. Nessa seção, ela também divaga sobre sua ligação afetiva com Modou e sobre a motivação da deslealdade dele para com ela. A lembrança do amor que ele lhe dedicou se faz tão intensa que culmina na presentificação do ser amado. Em decorrência disso, em todo o sexto capítulo, Ramatoulaye estabelece um diálogo com Modou. O tom de sua escrita se torna mais ameno, mais doce. Nessa parte, a protagonista refere-se à melhor amiga na terceira pessoa: “L'introduction dans notre cercle de ton ami Mawdo Bâ changera la vie de ma meilleure amie, Aïssatou”²¹ (BÂ, 1979, p. 25).

No sétimo capítulo, a missivista volta a interagir com a confidente e a convoca, por meio do verbo “revoir” (rever) conjugado no imperativo presente, a revisitar a escola na qual se formaram. A enunciativa desfruta da “presença ausente”, para empregar uma expressão de Genette (2017, p. 337), de Aïssatou. A presença da narratária se faz tão constante e intensa que, por vários momentos, a remetente deduz o que a amiga faria. Em certos trechos da longa carta, temos a impressão de que Aïssatou está ao lado de Ramatoulaye. A título de ilustração, citaremos uma passagem extraída do desfecho da história: “Pourquoi tes fils ne t'accompagneront-ils pas ? Ah! les études...”²² (BÂ, 1979, p. 130). Parece que as companheiras estão conversando face-a-face.

No tocante ao jogo ficcional, observamos que ele permite à narradora o preenchimento das lacunas mnemônicas e as lacunas da abrangência de seu conhecimento. Quando Ramatoulaye transcreve o bilhete deixado por Aïssatou

²¹ A introdução em nosso círculo de seu amigo Mawdo Bâ mudará a vida de minha melhor amiga, Aïssatou.

²² Por que seus filhos não te acompanharão? Ah! Os estudos...

sobre seu leito conjugal, ela não tem como se lembrar *ipsis litteris* de seu conteúdo, daí o processo de ficcionalização complementa o processo mnemônico.

As recordações são constituídas através de interpretações. Não vemos o mundo de forma neutra, todas as nossas construções mnemônicas são atravessadas por nossa subjetividade. Nessa ótica, não nos recordamos dos eventos tal como eles aconteceram, mas da forma como o percebemos. Em decorrência disso, podemos trazer à mente memórias alteradas, o que pode ter ocorrido com Ramatoulaye na reconstrução da carta da confidente.

O ritual fúnebre de Modou recebe um tratamento diferenciado por parte da narradora. A cerimônia, a despeito de ter sido contada no final do dia, é narrada no presente. Uma das hipóteses que aventamos é o fato de o comportamento dos partícipes não se alterar, independentemente da identidade do falecido, requerendo certa objetivação. Por meio da descrição dessa liturgia, Ramatoulaye censura a conduta de seus conterrâneos, se servindo, inclusive, da ironia, como as que compõem os fragmentos a seguir: “Troublante extériorisation du sentiment intérieur inévaluable, évalué en francs ! [...] Les recettes sont inscrites minutieusement. C'est une dette à payer dans des circonstances identiques”²³ (BÂ, 1979, p. 14).

Outra conjectura é de que ela presentifique a ação para que Aïssatou se sinta integrada à cena. De acordo com Ousmane Dia (2003), a enunciadora visa a apagar a distância física que a separa da confidente. A epístola se inscreve num contexto de distância e proximidade, de ausência e presença, tendo em vista de que, como nos lembra Dia, sem a distância não há razão para sua existência. Conforme esse estudioso (Dia, 2003), a carta atua no sentido de suplantar a separação graças à aproximação que caracteriza a confiança.

²³ Perturbadora exteriorização do sentimento interior inestimável, estimado em francos! [...] As receitas são escritas minuciosamente. É uma dívida a ser paga em circunstâncias idênticas.

Dia (2003, p. 2) observa, ainda, no tópico dedicado ao paradoxo da distância que “Ramatoulaye investe sua carta com a missão de assegurar uma simultaneidade para além da ausência, ela articula seu discurso sobre as condições de sua recepção e de sua leitura: ‘Eu recebi’, ‘Eu te escrevo’”²⁴. Dessa forma, a carta só se justifica pela distância existente entre as amigas. Com a tessitura da correspondência, Ramatoulaye objetiva apagar tal distância para transformar essa confiança mediada pela carta em uma conversação. Dia (2003) considera que a escritura da epístola consiste em uma terapia moral para a protagonista ao se constituir como um ser de linguagem aproveitando-se da clausura visual.

Há ainda, no romance, três outros escritos cujo teor nos é revelado dentro da longa carta redigida por Ramatoulaye. A primeira consiste justamente no bilhete deixado por Aïssatou a seu marido sobre o leito conjugal. Os dois outros trata-se da resposta de Ramatoulaye ao pedido de casamento de Daouda e o retorno lacônico deste. As duas primeiras correspondências são fundamentais para a continuação da trama, tendo em vista que elas manifestam as recusas das protagonistas ao óbice mais combatido por Mariama Bâ no que se refere à emancipação da mulher: a poligamia. Por meio da escrita, ferramenta à qual poucas mulheres tinham acesso àquela época, as heroínas mostram seu descontentamento com essa condição social que privilegia os homens. As mulheres ao se expressarem oralmente são sufocadas pela elite masculina. Ilustração disto é a reprimenda recebida pela viúva ao ousar exprimir sua negação de unir-se em matrimônio ao irmão de seu falecido marido. Nessa lógica, “a carta torna-se assim o lugar de negociação das imposições sociais, uma forma de compromisso entre o dizer e o calar” (GIGUÈRE, 2003, p. 25)²⁵.

²⁴ Lê-se no original : “Ramatoulaye investit sa lettre de la mission d'assurer une simultanéité par delà [sic] l'absence, elle articule son discours sur les conditions de sa réception et de sa lecture : ‘j’ai reçu’, ‘je t’écris’” (Dia, 2003, 2).

²⁵ Lê-se no original : “La lettre devient ainsi le lieu de négociation de la contrainte sociale, une forme de compromis entre le dire et le taire” (Guiguère, 2003, p. 25).

Desse prisma, a escrita reside, para elas, em um artifício para sobrepujar a sua condição de subjugação. Maria Graciete Bresse (2006, p. 16), ao dissertar acerca das *Novas cartas portuguesas*, argumenta que

o estatuto da mulher no pensamento patriarcal foi sempre definido pela marginalização, pela estigmatização e pela domesticação. [...] Num contexto cultural marcadamente “falocêntrico”, como diria Derrida, a escrita constitui para elas uma forma de afirmação identitária. Durante muito tempo, a epistolografia, gênero considerado “menor”, conotado com o feminino, revelou-se um fértil espaço de interrogação e de reflexão.

À luz da teoria estruturalista de Gérard Genette (2017), Ramatoulaye se enquadra como uma narradora autodiegética, por ser uma narradora que conduz sua própria narrativa. Segundo a taxonomia genettiana, *Une si longue lettre* dispõe de uma narradora extra-homodiegética, pois Ramatoulaye consiste em uma “narrador[a] de primeiro grau que narra a sua própria história” (GENETTE, 2017, p. 328)²⁶.

A escolha por uma narradora protagonista revela-se uma opção estética consciente por parte de Mariama Bâ, porquanto ela privilegia a voz feminina. Ela relata ter escolhido essa instância narrativa a fim de que os leitores se identificassem à protagonista (*apud* DIA, 1979). Na mesma entrevista, ela declara: “Escolhi a forma de uma carta para dar à obra um rosto humano. Quando se escreve uma carta, diz-se ‘eu’. Esse ‘eu’ identifica-se à Ramatoulaye e não ao autor”²⁷ (*apud* DIA, 1979, p. 4). E ainda afirma:

Eu queria dar à obra uma forma original em vez de fazer o eterno romance que começa com “eu” ou que se inicia por havia. Eu queria uma forma original e abordável e como são duas mulheres, acredito que o emprego da carta se presta melhor à voz de confiança²⁸ (BÂ *apud* GACOIN-MARKS, 2009, p. 187).

²⁶ Genette referia-se aqui ao narrador Gil Blas, de *Histoire de Gil Blas de Santillane*.

²⁷ Lê-se no original: “J’ai choisi la forme d’une lettre pour donner à l’œuvre un visage humain. Quand on écrit une lettre, on dit ‘je’. Ce ‘je’ s’identifie à Ramatoulaye et non à l’auteur” (Bâ in Dia, 1979, p. 4).

²⁸ Lê-se no original: “J’ai voulu donner à l’œuvre une forme originale au lieu de faire l’éternel roman qui commence par ‘je’ ou qui débute [sic] par il y avait. J’ai voulu une forme originelle et

Assim como o narrador, o narratário também se constitui como um dos elementos da situação narrativa (GENETTE, 2017). Similarmente ao narrador, ele pode ser intra ou extradiegético. O romance em tela possui uma narratária fictícia: Aïssatou, a quem Ramatoulaye escreve a carta que não será enviada. Mariama Bâ, contudo, dedica seu livro a duas mulheres: Abibatou Niang e a Annette d’Erneville, além de destiná-lo a todas as mulheres e aos homens de boa vontade.

Genette (2017) esclarece que, mesmo quando há a identidade entre a instância narrativa e a heroína, o lapso temporal acaba determinando uma dissonância entre elas. A Ramatoulaye que sofreu com o abandono de Modou (a heroína) não coincide exatamente com a narradora, tendo em vista que esse fato aconteceu cinco anos antes de sua narração, portanto a narradora já o perscrutara o que culmina com uma visão do problema diferente da inicial. A Ramatoulaye narradora continua sendo a heroína, mas significa o acontecido sob outro prisma, “temos aqui duas heroínas sucessivas”, afirma Genette (2017, p. 295), referindo-se, em sua fala, à personagem Cécile de *As ligações perigosas*. Ele elucida, igualmente, a distância de um dia já é suficiente para não haver uma identidade completa. Constatamos que essa ausência de completa identidade concorre para conferir à protagonista essa distância necessária dos acontecimentos para examiná-los melhor. Sobre isso, ele afirma:

O diário e a confidência epistolar aliam constantemente o que chamamos de linguagem radiofônica, o *ao vivo* e a *reprise*, o quase monólogo interior e o relato *a posteriori*. Aqui, o narrador é ao mesmo tempo o herói ainda e já outra pessoa: os acontecimentos do dia já pertencem ao passado, e o “ponto de vista” poder ter se modificado desde então; os sentimentos experimentados à noite ou no dia seguinte pertencem plenamente ao presente, e aqui, a focalização sobre o narrador é ao mesmo tempo focalização sobre o herói (GENETTE, 2017, p. 294).

abordable et comme ce sont deux femmes, je crois que le procédé de la lettre se prête mieux à la voix de la confidence” (Bâ apud Gacoin-Marks, p. 187).

Em sua longa carta, Ramatoulaye opera digressões de longa, de média e de curta decalagem temporal e, como defendemos, analisa-as sob diversos aspectos. Ela, inclusive, lamenta-se de certas atitudes suas no passado como o fato de ter rido da oposição de sua mãe no concernente a seu casamento com Modou. Nesse sentido, a “velha” Ramatoulaye não repetiria os mesmos “erros” da jovem.

3 Considerações finais

Diante do exposto, concluimos que, por meio do ato escritural, Ramatoulaye deslinda os meandros de sua alma, entregando a um exercício pessoal de constituição da própria identidade. Consoante Anélia Pietrani (2008, s/p),

o ser ali [nas cartas e diários] inscrito não é o objeto representado, mas sim o sujeito que se produz. Nos textos de cunhos autobiográfico não se espera que a palavra *reproduza* um dado preexistente, mas que *produza* uma “verdade do eu” a partir de sua memória, um pensar-se ou ser pensado, no momento em que narra a si mesmo, enquanto revive a sua história e escreve-a.

A subjetivação discursiva lhe possibilita esse mergulho nos movimentos de seu pensamento. Esse balanço que ela empreende de sua vida alarga seu conhecimento de si e seu autocontrole, favorecendo seu encontro afetivo com sua confidente, Aïssatou. Permite-lhe, igualmente, um equilíbrio emocional que a impulsiona a reconstruir sua vida. Lembramo-nos nesse contexto de Mariana Alcoforado (2016, p. 58) que, após três cartas enviadas sem resposta, confessa no término de sua quarta missiva: “eu escrevo mais para mim do que para ti, e aquilo que procuro é consolar-me”. Nesse sentido, após encontrar desafogo na escrita, Ramatoulaye está certa de que se falhar novamente, encontrará na escrita e na amizade refúgios seguros.

Escrever consiste em uma das formas de se conhecer melhor. Clarice Lispector, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, afirma que o “[...] era cruel o que [Lóri] fazia consigo própria: aproveitar que estava em carne viva para se conhecer melhor, já que a ferida estava aberta” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Essa assertiva da escritora brasileira parece poder ser aplicada ao romance de Bâ. Ramatoulaye redige uma carta que se assemelha a um livro de meditações de sua vida, da vida de suas congêneres.

Notamos, então, que Ramatoulaye se serve do expediente da redação epistolar para reorganizar seus sentimentos e sua vida. Ela utiliza esse meio de comunicação como um poderoso instrumento de escrita de si.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- BÂ, Mariama. *Une si longue lettre*. NEA: Dakar/Abidjan/Lome, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero de Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BASTOS, Roberto Kennedy de Lemos. A escrita como cuidado de si na obra tardia de Michel Foucault. *Revista Sísifo*. n. 5, 2017. p. 158-170. Disponível em: www.revistasisifo.com. Acesso em 05 maio 2020.
- BRESSE, Maria Graciete. As “Novas Cartas Portuguesas” e a contestação do poder patriarcal. *Latitudes*, nº 26, abril 2006, p. 16 -20. Disponível em: http://www.revues-plurielles.org/uploads/pdf/17/26/17_26_04.pdf. Acesso em 22 jul. 2020.
- DIA, Ousmane. Entre tradition et modernité : le romanesque épistolaire d’*Une si longue lettre*. *Critaoi*, n. 1, 2003. p. 1-16. Disponível em: <https://critaoi.org>. Acesso em 10 out. 2017.
- DOGLIOTTI, Rosa-Luisa Amalia (2000). Le thème du mariage mixte et/ou polygame comme foyer d’observation socioculturelle et interculturelle dans quatre romans francophones : mariages ou mirages ? 173 f. Dissertação (Dissertação em Artes) – Master of Arts, University of South Africa/Pretoria, 2000. Disponível em: <https://uir.unisa.ac.za/handle/10500/18647>. Acesso em 27 jul. 2023.

GACOIN-MARKS, Florence. Ambigüités génériques dans *Une si longue lettre* de Mariama Bâ. *Acta neophilologica*. vol. 42, številka 1/2, 2009, p. 187-195. Disponível em: <http://www.dlib.si/?URN=URN:NBN:SI:DOC-Y9FZTHF9>. Acesso em 08 out. 2018.

GIGUÈRE, Caroline. Fonctions de l'épistolaire chez Mariama Bâ : genre de la négociation, négociation du genre. *Postures*, n. 5, dossier : Voix de femmes de la francophonie, printemps, 2003, p. 18-28. Disponível em: <http://revuepostures.com/fr/articles/giguere-5>. Acesso em 17 mar. 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Tradução de Ana Alencar. São Paulo: Estação da Liberdade, 2017.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Viver para contar*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2003.

OLIVEIRA, Alexandra Almeida de; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Um abrigo chamado escrita. *Leitura em revista*, n. 16, p. 265-267, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://iiler.puc-rio.br/leituraemrevista/index.php/LER/article/view/225>. Acesso em 10 jul. 2020.

PIETRANI, Anélia Montechiari. "As cartas não mentem jamais": sobre cartas e diários na obra de Ana Cristina Cesar e Sylvia Plath. *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/081/ANELIA_PIETRANI.pdf. Acesso em 02 jul. 2020.

SILVA, Isabel Camila Alves da; PÁDUA, Vilani Maria de. A epístola como espaço da memória e da escrita de si: uma análise do romance *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato. *Revista Enlaces*, v. 1, n. 16, abr-jun. 2019. p. 279-297. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/39871>. Acesso em 03 jul. 2020.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*. Vinhedo/SP: Editora Horizonte, 2012.

VIEIRA, Thales Rodrigo; OLIVEIRA, Alexandra Almeida de. A salvação pela linguagem: alguns apontamentos sobre a metalinguagem e a concepção de tradução em Primo Levi. In: PAULA, Marcelo Ferraz de (org). *Ética, estética e políticas do testemunho*. São Paulo, Nankin, 2017. p. 141-158.

Recebido em 31/10/2023.

Aceito em 25/04/2024.